

# Normatividades, resistências e reconstruções:

## Perceções de docentes e estudantes sobre género e sexualidade no contexto escolar

Marcus Pereira Junior, Filomena Teixeira  
& Ana V. Rodrigues

### Resumo

---

Num contexto global em que o conservadorismo tem ampliado as desigualdades sociais persistem, nas escolas, práticas e discursos que marginalizam identidades dissidentes. Este estudo analisou como docentes e estudantes de um Agrupamento de Escolas percebem as questões de género e sexualidade, procurando perceber se prevalecem visões normativas ou se emergem posturas mais inclusivas. A investigação, qualitativa, descritiva e exploratória, desenvolveu-se através de duas sessões de *focus groups*: uma com estudantes e outra com docentes. As narrativas das/dos participantes, perscrutadas por meio da análise de conteúdo (estudantes) e da análise crítica do discurso (docentes), foram agrupadas em categorias emergentes e posteriormente entrecruzadas para identificação de convergências e divergências. Os resultados evidenciam tensões entre o reconhecimento da diversidade e a persistência do preconceito. Entre estudantes, observou-se uma consciência crítica, ainda limitada por normatividades assentes nas relações escolares. Entre docentes, verificaram-se atravessamentos estruturais, reforçados por fragilidades formativas e pressões institucionais, embora com iniciativas fragmentadas de práticas reflexivas. Conclui-se que a escola continua a ser um local de disputas simbólicas, no qual coexistem reprodução e transformação das questões de género e sexualidade, apelando-se à necessidade de ampliar os espaços de diálogo e de corresponsabilidade.

### Palavras-chave:

---

Docentes, Estudantes, Género e Sexualidade, Inclusão, Narrativas.

Normativities, Resistances, and Reconstructions: teachers' and students' perceptions on gender and sexuality in the school context

**Abstract:** In a global context where conservatism has deepened social inequalities, schools continue to reproduce practices and discourses that marginalize dissident identities. This study analysed how teachers and students from a Portuguese school cluster perceive issues of gender and sexuality, seeking to understand whether normative views prevail or more inclusive perspectives emerge. The qualitative, descriptive, and exploratory research was conducted through two focus group sessions: one with students and another with teachers. Participants' narratives, examined through content analysis (students) and critical discourse analysis (teachers), were organized into emerging categories and subsequently cross-referenced to identify convergences and divergences. The results reveal tensions between the recognition of diversity and the persistence of prejudice. Among students, a critical awareness was observed, though still constrained by normativities embedded in school relations. Among teachers, structural constraints were identified, reinforced by formative weaknesses and institutional pressures, although some fragmented initiatives of reflective practice were also noted. It is concluded that the school remains a symbolic arena where reproduction and transformation of gender and sexuality issues coexist, reinforcing the need to expand spaces for dialogue and shared responsibility.

**Keywords:** Gender and Sexuality. Inclusion. Narratives. Students. Teachers.

Normativités, Résistances et Reconstructions : perceptions d'enseignant·es et d'élèves sur le genre et la sexualité dans le contexte scolaire

**Résumé:** Dans un contexte mondial où le conservatisme a accentué les inégalités sociales, les écoles continuent de reproduire des pratiques et des discours qui marginalisent les identités dissidentes. Cette étude a analysé la manière dont des enseignant·es et des élèves d'un groupement d'écoles portugais perçoivent les questions de genre et de sexualité, afin de comprendre si prédominent des visions normatives ou si émergent des postures plus inclusives. La recherche, de nature qualitative, descriptive et exploratoire, s'est développée à partir de deux séances de focus groups : l'une avec des élèves et l'autre avec des enseignant·es. Les récits des participant·es, examinés par l'analyse de contenu (élèves) et l'analyse critique du discours (enseignant·es), ont été regroupés en catégories émergentes puis croisés pour identifier les convergences et les divergences. Les résultats mettent en évidence des tensions entre la reconnaissance de la diversité et la persistance des préjugés. Chez les élèves, une conscience critique a été observée, bien que limitée par des normativités ancrées dans les relations scolaires. Chez les enseignant·es, des contraintes structurelles ont été identifiées, renforcées par des fragilités formatives et des pressions institutionnelles, mais aussi par quelques initiatives fragmentaires de pratiques réflexives. L'étude conclut que l'école demeure un espace de luttes symboliques où coexistent reproduction et transformation des questions de genre et de sexualité, soulignant la nécessité d'élargir les espaces de dialogue et de coresponsabilité.

**Mots-clés :** Enseignant·es . Élèves . Genre et Sexualité . Inclusion . Récits.

Normatividades, Resistencias y Reconstrucciones: percepciones de docentes y estudiantes sobre género y sexualidad en el contexto escolar

**Resumen:** En un contexto global en el que el conservadurismo ha profundizado las desigualdades sociales, las escuelas continúan reproduciendo prácticas y discursos que marginan identidades disidentes. Este estudio analizó cómo docentes y estudiantes de un agrupamiento de escuelas portugués perciben las cuestiones de género y sexualidad, con el objetivo de comprender si prevalecen visiones normativas o si emergen posturas más inclusivas. La investigación, de carácter cualitativo, descriptivo y exploratorio, se desarrolló a través de dos sesiones de focus groups: una con estudiantes y otra con docentes. Las narrativas de los participantes, examinadas mediante análisis de contenido (estudiantes) y análisis crítico del discurso (docentes), fueron organizadas en categorías emergentes y posteriormente contrastadas para identificar convergencias y divergencias. Los resultados evidencian tensiones entre el reconocimiento de la

diversidad y la persistencia del prejuicio. Entre los estudiantes se observó una conciencia crítica, aunque aún limitada por normatividades arraigadas en las relaciones escolares. Entre los docentes se identificaron condicionamientos estructurales, reforzados por debilidades formativas y presiones institucionales, aunque también se registraron iniciativas fragmentarias de práctica reflexiva. Se concluye que la escuela sigue siendo un espacio de disputas simbólicas donde coexisten la reproducción y la transformación de las cuestiones de género y sexualidad, reforzando la necesidad de ampliar los espacios de diálogo y de corresponsabilidad.

**Palabras clave:** Docentes. Estudiantes. Género y Sexualidad. Inclusión. Narrativas.

## INTRODUÇÃO

Num cenário contemporâneo marcado por uma preocupante insurreição do conservadorismo, são nefastas as diferentes práticas de discriminação que continuam a afetar grupos minorizados de maneira desproporcional. Mesmo assim, como forma de confrontar este cenário nefasto, persiste, também, a luta pulsante pelo reconhecimento e representatividade de múltiplas questões transversais às sociedades (Pocahy & Nardi, 2024).

As normatividades estruturais, que dinamizam e influenciam práticas sociais, contribuem para a manutenção de discursos que reforçam as desigualdades. E a escola, que integra o complexo tecido social, não está imune a este *status quo*. Portanto, toma-se por consequência a manutenção de ambientes que perpetuam estigmas e afetam grupos minorizados (Louro, 2013).

Facto é que o universo da diversidade sexual e de género se encontra presente em múltiplos contextos, como os espaços formais de ensino. Assim, torna-se fundamental refletir a persistência, nos ambientes educativos, dos pensamentos e comportamentos que negligenciam parte do seu público, provocado pelo viés da heterocisnormatividade e do binarismo de género e que perpetuam as várias facetas do preconceito para com pessoas LGBTQI+ (Butler, 2017; Pereira-Junior et al., 2024<sup>a</sup>).

A dinâmica de manifestação das normatividades ocorre, frequentemente nas escolas, através das práticas educativas de docentes. As/os estudantes, que são “o lado mais enfraquecido da corda”, sofrem com as intempéries da exclusão e da invisibilização. Trata-se, portanto, de um complexo desafio para legitimar a organização de espaços escolares mais acolhedores, em especial quando se trata do universo da diversidade sexual e de género e da sua ressignificação coletiva (Fetter & Silva, 2022).

No terreno relacional das/dos estudantes, observa-se a naturalização de situações de preconceito, (in)justificadas pelos arquétipos de uma suposta “normalidade”, alicerçada pelos combalidos padrões expectáveis inseridos em uma sociedade, em parte, castradora. Neste sentido e de modo a contribuir para espaços escolares mais recetivos às dissidências urge compreender como pensam e se posicionam as/os jovens perante estas questões (Novaes, 2023).

Quanto às e aos docentes, para além da perpetuação de narrativas, considera-se a manutenção de práticas didático-pedagógicas que contribuem para um reforço da normatividade sexual e de género. O principal ponto de destaque é o processo de biologização das questões de género e sexualidade, que se restringe, na sala de aula, às componentes de Ciências Naturais e de Biologia (circunscritas, a maior parte das vezes, à exploração curricular na perspetiva da reprodução humana). Assim, a abordagem de temas como infeções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e violência sexual, simbolizam uma prática em que se estabelece uma relação de comodidade com o universo da diversidade sexual e de género (Lira et al., 2023).

Importa perceber se, no âmbito das práticas docentes, pesam para a manutenção deste panorama determinadas questões consideradas como transversais no campo das relações que alocam a escola numa posição sensível de “protagonismo”. Como exemplo, cita-se o receio de represálias institucionais e da comunidade envolvente, uma formação docente deficitária e até mesmo questões ligadas a valores nucleares (Pereira-Junior et al., 2024<sup>b</sup>).

Será que existem, de facto, incentivos a nível institucional para promover discussões sobre as relações sociais com a diversidade sexual e de género? A investigação que se apresenta teve por ponto de partida a seguinte questão: “Como pensam e se posicionam estudantes e docentes de um Agrupamento de Escolas sobre questões de género e sexualidade na sua relação com a sociedade e com o contexto educativo?”. Como finalidade do estudo, perspetivaram-se análises sobre perceções de estudantes e docentes a respeito da relação entre género, sexualidade e escola, no sentido de compreender se há prevalência de discursos normativos ou se, ao invés, emergem posturas de maior abertura à temática.

## METODOLOGIA

O estudo, de cariz qualitativo, descritivo e exploratório, pretendeu compreender as perceções de estudantes e docentes sobre a relação das questões de género e sexualidade com o contexto escolar. A opção pelo enfoque qualitativo justifica-se pela adequação do estudo ao objetivo de explorar significados, experiências e representações construídas pelas e pelos participantes, no âmbito das interações verificadas no decurso da recolha de dados (Bogdan & Biklen, 1994).

A investigação foi desenvolvida num Agrupamento de Escolas situado numa região urbana do Distrito de Aveiro, com a participação de dois grupos distintos: quinze estudantes de uma turma do ensino secundário e dez docentes que lecionavam em diferentes níveis de ensino. A seleção de docentes resultou de uma sessão de sensibilização acerca das questões de género e sexualidade nas escolas. No caso das/dos estudantes, a seleção foi realizada após a sessão com docentes, onde parte do grupo propôs a realização de uma atividade semelhante com uma turma de estudantes do ensino secundário. Ou seja, decidiu-se pela inclusão no estudo apenas de docentes e estudantes que participaram das respetivas sessões de sensibilização.

A recolha de dados, realizada entre os meses de abril e maio de 2025, consistiu de duas sessões de *focus group*. Cada sessão foi orientada por um guião com dez questões abertas, elaborado com base em referencial teórico e documentação normativa sobre diversidade sexual e de género e da relação da temática com o contexto educativo (Louro, 2013; República Portuguesa, 2018). O *focus group* foi escolhido por favorecer a partilha de experiências e a construção coletiva de sentidos (Silva et al., 2014), com a observação em contexto interacional de narrativas que sustentam ou desafiam as normatividades estruturais, também presentes no quotidiano escolar.

Quanto ao cumprimento dos princípios éticos, procedeu-se, na íntegra, aos pressupostos relacionados à investigação com seres humanos, regimentado pela União Europeia através do Regulamento nº 2016/679 e, a nível nacional, pelo Decreto-Lei n.º 58/2019 de 8 de agosto. Ressalta-se que as/os participantes foram informadas/dos, através de termo de consentimento, sobre os propósitos da investigação, assim como dos procedimentos de recolha, tratamento e uso dos dados. Obteve-se parecer favorável do Encarregado Geral de Proteção de Dados da Universidade de Aveiro, com declaração

emitida em 28 de abril de 2023, com todos os dados recolhidos salvaguardados pelo Sistema de Informação da Universidade de Aveiro (SIUA).

Para o tratamento dos dados, recorreu-se a diferentes procedimentos analíticos consoante o grupo de participantes. As narrativas das/dos estudantes foram examinadas através da análise de conteúdo (Bardin, 2017), com o intuito de identificar regularidades emergentes que expressassem as suas perceções e vivências relacionadas com a diversidade sexual e de género. Já os discursos das/dos docentes foram analisados segundo os pressupostos da análise crítica do discurso (Van Dijk, 2017), através da identificação de mecanismos linguísticos e ideológicos subjacentes aos discursos, assentes numa possível linha de normatização de práticas sociais e/ou, até mesmo, de sua ressignificação. Optou-se por uma proposta de análise diferenciada entre os dois grupos de participantes pelo facto de que os discursos de estudantes e docentes possuem ontologias distintas. Ou seja, enquanto a grande maioria de estudantes tende a reproduzir pensamentos e práticas sem ainda possuir um entendimento aprofundado sobre o panorama social em que se inserem, no caso de docentes, mesmo também num cenário de reprodução de comportamentos, diferenciam-se pela presença de elementos estruturais que atravessam suas narrativas (Cordeiro & Buendgens, 2012; Forte et al., 2018).

Após estruturação das categorias emergentes para apresentação da análise das narrativas de cada grupo, realizou-se um cruzamento interpretativo entre os dois conjuntos, para identificar pontos de convergência e divergência nas perceções discentes e docentes. Ressalta-se que não foram encontrados artigos em que tal estratégia tenha considerado os dois perfis estudados e a utilização de vertentes analíticas apropriadas para cada perfil. Escusado será dizer que se assegurou a garantia da validade interna de análise através do método de triangulação dos dados (Holanda & Farias, 2020), considerando-se a proposta metodológica de recolha, o recurso aos aspetos teóricos de relevância e um trabalho pormenorizado da equipa responsável pelo desenvolvimento da investigação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a natureza diferenciada dos grupos — estudantes e docentes — os resultados foram organizados em dois eixos analíticos, tanto das dinâmicas de socialização e vivência estudantil como das representações e práticas profissionais do corpo docente.

### ***1. Análise de conteúdo das percepções de estudantes***

Quanto ao envolvimento com o grupo de estudantes, seguem abaixo o desenvolvimento reflexivo de cada uma das categorias, com destaque para alguns excertos das/dos participantes.

#### ***1.1. O preconceito e suas máscaras***

Ao serem questionadas/dos sobre se a sociedade é maioritariamente preconceituosa, destaca-se o que disseram um estudante e uma estudante:

*“Eu acho que há muito preconceito, mas acho que as pessoas muitas vezes tentam esconder o preconceito que têm para não serem julgadas.”*  
(E.5)

*“Eu acho que há muito preconceito. Só que tem pessoas que, tipo, são preconceituosas, só que fazendo piadas. Como se fosse...ironia”* (E.2)

Os excertos acima podem representar o reconhecimento da persistência de fenómenos que ultrapassam a manifestação crua do preconceito, com as suas formas de ocultação e/ou dissimulação nas sociedades. Isto evidencia não apenas uma representação explícita do preconceito como elemento estrutural da vida social, mas também a interiorização através de mecanismos de controlo simbólico que modulam a sua manifestação explícita. Ou seja, mesmo com pessoas a reproduzir imaginários discriminatórios, procuram disfarces no sentido de preservar uma imagem social aceitável e, portanto, manter relações de poder (Santos et al., 2024).

Estes posicionamentos sugerem que o preconceito se reconfigura de forma mais subtil, no sentido de balizar as normas hegemónicas sob a ótica da tolerância e da neutralidade. Esta leitura aproxima-se do que certos/as autores/as caracterizam como uma aparente “aceitação” da diversidade, que coexiste com as resistências à sua plena incorporação nos espaços sociais (Gomes & Chahini, 2024). Assim, essas vozes revelam uma consciência acerca da hipocrisia que mantém as relações humanas na contemporaneidade, relativamente ao reconhecimento da diversidade sexual e de género.

### ***1.2. Tabu e biologicismo: caixas que congregam dissidências nas escolas***

A respeito de situações de limitação da abordagem das questões de género e sexualidade nas escolas, uma estudante e um estudante afirmaram:

*“Tipo, aqui na escola não costuma se falar sobre género. É mais sexualidade e de ter relações sexuais seguras. E isso tem mais a ver com a reprodução humana. Então eu acho que é por isso que se fala mais” (E.4)*

*“Acho que já existiu mais [o tabu sobre questões de género e sexualidade]. Acho que agora existe um bocadito menos, mas também ainda existe.” (E.3) (\*)*

(\*) Entre parêntesis reto, a adição de algumas palavras para entendimento do contexto da discussão havida.

As afirmações acima revelam a coexistência de duas dimensões: se de um lado há a persistência de um enquadramento biologicista nas abordagens escolares sobre género e sexualidade, do outro há o reconhecimento de uma sensibilidade que lentifica possíveis transformações sobre como as questões de género e sexualidade são abordadas. Não estaremos perante a presença de simbologias que estruturam a dinâmica escolar, com uma racionalidade biomédica que reduz a diversidade sexual e de género a percepções sobre o corpo humano? (Santos & Oliveira, 2020). Evidencia-se, portanto, a predominância de uma educação instrumentalizada, centrada na prevenção e no controlo.

Quanto ao tabu, sugere-se o reconhecimento de uma percepção gradual de mudança, ainda que marcada por ambivalências. E esta oscilação entre avanço e estagnação é o que traduz o modo como as escolas refletem estas e outras questões emergentes: de um lado, pressões pela manutenção de uma *status quo* normativo; do outro, movimentos de um reconhecimento genuíno da pluralidade identitária. Denota-se, assim, o carácter inacabado do processo educativo no que respeita a questões de género e sexualidade, onde a escola permanece como concomitante espaço de tradição e transformação (Nascimento et al., 2025).

### ***1.3. Casas de banho e balneários escolares neutros: entre o sim e o não!***

Relativamente à questão sobre a utilização de casas de banho e balneários escolares em função da identidade e da expressão de género, mereceram destaque os excertos de duas estudantes:

*“Eu não concordo. Porque se fosse no mesmo sentido, a pessoa...OK...identifica-se como uma mulher, então usa a casa de banho das mulheres. Mas eu acho que muita gente poderia se aproveitar da situação.” (E.6)*

*“Porque eu acho que isso [criação de uma terceira casa de banho] contribuía ainda mais pra discriminação, sendo que é uma coisa normal e nós queremos que as pessoas normalizem, pra quê tá a fazer uma coisa a mais?” (E.4) (\*)*

(\*) Entre parêntesis reto, a adição de algumas palavras para entendimento do contexto da discussão havida.

Estas afirmações elucidam discursos que, embora sustentados por preocupações de integridade, apenas reproduzem a lógica da heterocisnormatividade que legitima a exclusão sob o pretexto da prudência (Cicconetti et al., 2023). Trata-se de um imaginário que associa a abertura de espaços inclusivos para uso público, a situações de ameaça e/ou abuso, com projeção, de um potencial desviante, sobre as identidades dissidentes, numa tentativa de proteção das “fronteiras” tradicionais às incertezas contestatárias.

O facto de a estudante ser contra a criação de uma terceira casa de banho, introduz uma reflexão sobre os paradoxos das políticas de inclusão. O argumento de uma possível manutenção da discriminação como consequência desta criação confirma que, certas medidas, ainda que bem-intencionadas, só contribuem para um reforço das diferenças (Sampaio, 2015). Assim, emerge o embate entre o desejo de igualdade e o risco da separação institucionalizada — ponto central em muitos debates. Condensa-se, portanto, na escola a expressão de um campo de disputa simbólica entre o medo e a empatia, entre o reconhecimento e a resistência, onde o que está em causa é a necessidade de transformação dos significados atribuídos aos corpos e às subjetividades.

## ***2. Análise crítica do discurso das percepções de docentes***

No que respeita o trabalho desenvolvido com o grupo de docentes, apresentam-se, em seguida, três categorias de análise, onde se destacam afirmações de algumas e alguns participantes e as reflexões subjacentes.

### ***2.1. Tensões normativas na escola: preconceito manifesto entre estudantes e currículo oculto entre docentes***

Perante questões relativas à sociedade ser maioritariamente preconceituosa e às limitações na abordagem das questões de género e sexualidade nas escolas, destacam-se excertos de duas docentes:

*...no entanto, aquilo que eu tenho vindo a verificar é que os jovens, hoje em dia... alguns jovens têm vindo a se tornar mais preconceituosos relativamente a esta situação. (D.7)*

*...mesmo os colegas de Ciências, o que eu vejo lá é o que está no manual. Não é isso! Mas lá está, é tal coisa, e depois dizem que nós estamos mais à vontade. Os próprios colegas que lecionam Ciências: 'é o que está no livro e pronto'. Não é! (D.11)*

O primeiro excerto, sugere a perceção de uma inversão: o preconceito, atribuído às gerações mais velhas, surge como uma característica emergente entre as pessoas mais jovens. É possível compreender que a docente, além de se posicionar como observadora crítica de tal fenómeno, afasta-se de tal prática. Ora, esta separação discursiva também pode sugerir a existência de uma tensão que não apenas reconhece o preconceito entre estudantes, mas também revela uma ineficiência por parte da escola na promoção da inclusão pela perspectiva da diversidade sexual e de género. Há assim um deslocamento da questão do plano das individualidades para o “macrocosmo” institucional (Tibiriçá et al., 2023).

O segundo excerto, evidencia uma rigidez epistemológica oriunda do processo formativo que, de alguma maneira, influencia na modulação de práticas pedagógicas delimitadas pela necessidade de cumprimento da matriz curricular e por atravessamentos subjetivos (Neto, 2022). Indica-se, portanto, uma tentativa de rutura com o discurso biologicista, que tende a simplificar nas escolas as questões de género e sexualidade. Trata-se de uma oposição à ideologia dominante, num questionamento sobre os manuais escolares e numa autêntica denúncia da reprodução acrítica de saberes.

## ***2.2. Limitações sobre o olhar para a diversidade: formação docente e subjetividades***

No que respeita à abertura da escola às questões de género e sexualidade, tanto em termos formativos como também ao manifestar-se enquanto sujeito consciente da importância em expressar-se naquele meio, destacam-se os seguintes excertos de uma e de um docente:

*Por exemplo, nesta escola ... a minha base é informática. Mas estou a dar [a componente curricular de] Cidadania [e Desenvolvimento]. Portanto, eu não tenho formação neste momento, nenhuma. Tenho a minha experiência pessoal. (D.12) (\*)*

*Por vezes pode acontecer que seja uma necessidade de afirmação e não necessariamente uma naturalidade. (D.9)*

(\*) Entre parêntesis reto, a adição de algumas palavras para entendimento do contexto da discussão havida.

O primeiro excerto traduz as lacunas de formação docente, na abordagem da temática da diversidade sexual e de género. Constrói-se, portanto, um discurso de justificação, no qual se procura legitimar a prática pedagógica pelo prisma das experiências pessoais, o que revela um processo de subjetivação em que a ausência de saber científico é compensada por referências ao senso comum e à vivência individual. Sugere-se, neste caso, um movimento que procura trazer uma atenuante ao nível institucional – e mesmo individual! – com a problemática alocada ao terreno formativo. Isto reflete, em parte, um padrão recorrente nas escolas: o deslocamento da *práxis* para um domínio pessoal, o que acaba por reforçar visões normativas (Gomes & Fonseca, 2024).

O segundo excerto sugere uma construção discursiva ancorada numa visão essencialista, numa dicotomia entre o que é percebido como autêntico e o que é forjado. Isto poderia ser interpretado como uma deslegitimação simbólica, num questionamento à legitimidade das vivências dissidentes na escola e com a lógica heterocisnormativa referenciada como “natural”. Estamos perante um mecanismo de manutenção do fenómeno do biopoder em que a linguagem opera como instrumento de controlo social (Sales & Machado, 2020).

## ***2.3. Expressões dissidentes de género na escola***

Ao relacionar a questão das casas de banho e balneários escolares sem género, com a escolha de cada sujeito em consonância com sua identidade/expressão de género, e as dificuldades subjacentes, merecem destaque os seguintes excertos de duas docentes:

*Isto não tem sentido. Porque a confusão está na cabeça do adulto. Não está na cabeça da criança. Não é? E acho que podíamos partir daqui” (D.7)*

*“E se nós tivéssemos espaços em que vai uma pessoa e fecha a porta, tanto faz que entre o género, masculino ou outro qualquer. Era uma solução que eu acho que acaba com isto, sinceramente. (D.5)*

O primeiro excerto identifica as pessoas adultas com a origem da “confusão” em torno das questões de género e sexualidade. Sugere-se, nesta afirmação, a tentativa de reposicionar o olhar sobre as/os mais jovens e sobre as formas como a escola e a sociedade projetam, na juventude, as suas próprias limitações interpretativas. O discurso também revela a dificuldade em lidar com o tema, com a presença de uma postura crítica inicial e uma falta de referenciais formativos. Assim, observa-se a diáde “resistência e limitação”, com uma consciencialização do problema, mas sem instrumentalização epistemológica para enfrentar a questão no espaço escolar (Martins, 2022).

O segundo excerto propõe uma “solução” para o conflito em torno das expressões de género, nomeadamente a criação nas escolas de casas de banho e balneários neutros. Ocorre que tal posicionamento, se pensado de modo superficial, pode ser interpretado como uma tentativa de neutralização instantânea do problema, onde as desigualdades não deixarão de infringir corpos dissidentes (Ciconetti et al., 2023). De alguma maneira, este desejo de rápida resolução revela uma certa dificuldade em reconhecer este panorama como um espaço legítimo de aprendizagem, diálogo e transformação. Trata-se, portanto, de um discurso que ainda opera sob o paradigma da homogeneização, onde se procura a dissolução das diferenças em nome da “praticidade” institucional.

### **3. *Análise comparativa integrada dos dois grupos***

Ao cotejar as perceções expressas por estudantes e docentes, foi possível observar que, em ambos os grupos, existe um espaço em que as normatividades se estabelecem entre o viés da reprodução e as tentativas de transformação (Forte et al., 2018; Tibiriçá et al.,

2023). No caso das narrativas das/dos estudantes, foram reveladas percepções marcadas por vivências diretas de práticas escolares e pelos discursos que circulam entre pares. Já, no caso das/dos docentes, ficou evidente uma consciência parcial das estruturas que moldam os seus próprios posicionamentos.

De modo convergente, estudantes e docentes reconhecem a persistência do preconceito e do tabu na escola, embora o façam a partir de prismas distintos. Na percepção das/dos estudantes, o preconceito é percebido como algo dissimulado, internalizado a partir de códigos de contenção social. Para as/os docentes, o preconceito desloca-se para o outro — em especial para as gerações de estudantes ou para colegas de profissão —, numa operação que visa desresponsabilizar a posição de quem narra. Assim, enquanto as/os estudantes expõem de alguma forma a hipocrisia que mascara o preconceito, as/os docentes tendem a evidenciar o seu distanciamento moral (Cordeiro & Buendgens, 2012; Gomes & Fonseca, 2024).

No que se refere ao tratamento curricular das temáticas de gênero e sexualidade, há também paralelismos e contrastes. As/os estudantes apontam a prevalência de uma abordagem biologicista, que restringe as discussões à dimensão fisiológica da sexualidade, sem debates sobre identidades e expressões de gênero. Por sua vez, as/os docentes, reconhecem a rigidez dessa estrutura, mas demonstram ambivalência entre o desejo de ruptura e a dificuldade em fazê-lo, sobretudo por falta de formação específica ou pelo peso da tradição curricular. A convergência entre ambos os grupos reside, portanto, na consciência das limitações institucionais; a divergência, na forma como cada grupo lida com essas limitações — enquanto as/os estudantes expressam uma crítica vivencial, as/os docentes articulam justificações que oscilam entre a autoanálise e a manutenção da ordem discursiva vigente (Fetter & Silva; Neto, 2022).

Em relação às questões de infraestrutura e políticas de inclusão, caso da utilização de casas de banho e balneários escolares, as/os estudantes revelam posições que ora são sustentadas pelo medo do abuso, ora pela preocupação de que a criação de espaços possa reforçar a discriminação. As/os docentes, ainda que expressem preocupações semelhantes, tendem a propor soluções pragmáticas, que procuram resolver o conflito sem confrontar as raízes ideológicas do problema. Tal diferença evidencia o contraste entre uma percepção experiencial (estudante) e uma institucional (docente), o que reforça

a assimetria entre vivência e mediação pedagógica (Martins, 2022; Cicconetti et al., 2023).

## CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas sobre as questões de género e sexualidade no contexto escolar, permitiram compreender que as perceções de estudantes e docentes, ainda que se aproximem em alguns aspetos, revelam singularidades próprias. Entre estudantes, observou-se uma certa disposição para o reconhecimento da diversidade na escola. No entanto, esta abertura é, por vezes, acompanhada por incertezas e receios no enfrentar do preconceito no ambiente escolar, o que delimita que a aceitação simbólica nem sempre se traduz em atitudes inclusivas (Santos et al., 2024). No caso de docentes, tornou-se evidente uma relação marcada pela coexistência de discursos que reconhecem a importância em abordar a diversidade sexual e de género com responsabilidade pedagógica e que, ao mesmo tempo, denunciam limitações formativas, inseguranças pessoais e resistências associadas a interpretações normativas (Louro, 2013).

Ressalta-se que os dois grupos participantes do estudo reconhecem que a escola deve ser um espaço de respeito, diálogo e valorização das diferenças (Nascimento et al., 2025). Contudo, as divergências tornam-se mais evidentes quando se analisa o grau de elaboração crítica e o posicionamento face à responsabilidade pedagógica: enquanto estudantes parecem vislumbrar a escola como um lugar de mudança social, os discursos docentes tendem a oscilar entre a reprodução de padrões normativos e a tentativa, ainda tímida, de problematizá-los (Novaes, 2023).

Admite-se como limitação o facto de ter abrangido um conjunto de participantes de um Agrupamento de Escolas, o que restringe a generalização das reflexões que emergiram. No entanto, espera-se que esta proposta de análise integrada possa ser um contributo relevante para futuras investigações que aprofundem o diálogo dos diferentes agentes escolares, a respeito da perceção sobre a relação da diversidade sexual e de género com a escola, considerando, ainda, o contexto sociocultural envolvente. Dando continuidade a futuras investigações, poder-se-ia explorar o modo como as práticas quotidianas da comunidade escolar incorporam (ou não) as discussões em torno de temas emergentes, com vista à avaliação do seu prolongamento no processo de soerguimento de um ambiente escolar mais atento, aberto e livre de “amarras” normativas.

## FINANCIAMENTO

Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto da unidade de I&D CIDTFF – Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, com o financiamento com a referência UID/194/2025.

## Declaração da utilização de Inteligência Artificial Generativa (IAGen)

Não foram utilizadas ferramentas de IAGen. O autor e as autoras são os responsáveis pelo conteúdo dos seus manuscritos.

## REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2017). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução às Teorias e aos Métodos* (trad. de M. J. Alvarez, S. Bahia dos Santos, & T. Mourinho Baptista). Porto Editora.

Butler, J. (2017). *Problemas de género: feminismo e subversão da identidade*. Orfeu Negro.

Cicconetti, J., Ferreira, E., & Silva, M. J. (2023). Espaço escolar e género: a (re)produção do binarismo de género. In: J. M. Silva, M. J. Ornat, & A. Baptista Chimin Junior (Eds.), *Corpos e Geografia: expressões de espaços encarnados*. Todapalavra Editora.

Cordeiro, A. F., & Buendgens, J. F. (2012). Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 45-54.

<https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100005>

Fetter, S. A., & Silva, D. R. (2022). Gestão do pedagógico para a emancipação da diversidade sexual na escola. *Revista Educação em Debate*, 44(87), 110-121.

<https://doi.org/10.24882/eemd.v44i87.81178>

Forte, J. P., Neto, M. M., Pessoa, M. K., & Forte, V. L. (2018). Reproduzir ou transformar? Análise sobre o papel do professor na manutenção/desconstrução de

- estigmas na escola. *Revista Educação e Pesquisa*, 44, 1-19. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844173362>
- Gomes, J. A., & Chahini, T. H. (2024). Identidade de gênero e sexualidade. *Revista Caderno Pedagógico*, 21(4), 1-18. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n4-128>
- Gomes, J. C., & Fonseca, J. R. (2024). Tensionando normas e práticas: percepções e desafios de professores sobre gênero e sexualidade em uma escola pública. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, 2(14), 236-250. <https://doi.org/10.55028/gepfip.v2i14.21810>
- Holanda, G. S., & Farias, I. M. (2020). Estratégia da triangulação: uma incursão conceitual. *Atos de Pesquisa em Educação*, 15(4), 1150-1166. <https://doi.org/10.7867/1809-0354.2020v15n4p1150-1166>
- Lira, M. C., Lillo, K. S., & Lillo, J. P. (2023). Creencias de docentes en formación y en ejercicio acerca de la educación con perspectiva en identidad de género. *Revista Conhecimento Online*, 2, 337-364. <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3358>
- Louro, G. L. (2013). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Vozes.
- Martins, F. (2022). *Interrogando o (não)-lugar da Diversidade Sexual na Educação Sexual em Portugal: perspectivas de estudantes e professores/as*. Facto Editores.
- Nascimento, L. R., Pinheiro, A. V., Guimarães, C. D., Rosa, K. G., & Melo, Y. D. (2025). Gênero e sexualidade na escola: promovendo o respeito e a diversidade. *Missioneira*, 27(3), 77-86. <https://doi.org/10.46550/2bb9hw48>
- Neto, J. T. (2022). Diversidade sexual e de gênero no currículo escolar e na formação docente: desafios e práticas de respeito. *Revista de Ciências Sociais*, 52(3), 111-132. <https://doi.org/10.36517/rcs.52.3.d05>
- Novaes, M. (2023). A escola fora do armário: por uma pedagogia e um currículo queer. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 10(24), 265-277. <https://doi.org/10.55028/pdres.v10i24.17717>

- Pereira-Junior., M. V., Teixeira, F., & Rodrigues, A. V. (2024<sup>a</sup>). Binarismo e heteronormatividade na demarcação de padrões e estigmas: uma revisão integrativa. *Ensino em Re-Vista*, 31, 1-25. <https://doi.org/10.14393/ER-v31e2024-34>
- Pereira-Junior, M. V., Teixeira, F., & Rodrigues, A. V. (2024<sup>b</sup>). Formação de professoras/es e percepções sobre género e sexualidade no contexto escolar. *Dialogia*, 49, 1-17. <https://doi.org/10.5585/49.2024.25433>
- Pocahy, F. A., & Nardi, H. C. (2024). A Família Está em Chamas (?): Razão de Estado, Conservadorismo e (Reconhecimento à) Diferença. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(1), 10-27. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.75296>
- República Portuguesa (2018). *Resolução do Conselho de Ministros n.º 61 de 21 de maio de 2018. Aprova a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não-Discriminação 2018-2030*. <https://data.dre.pt/eli/resolconsmin/61/2018/05/21/p/dre/pt/html>
- República Portuguesa (2019). *Lei n.º 58 de 8 de agosto de 2019: Assegura a execução do Regulamento (UE) 2016/679 relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação destes dados*. Diário da República n.º 151. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/58-2019-123815982>
- Sales, R., & Machado, C. (2020). Gêneros e sexualidades divergentes: escola e dinâmicas de subalternização da diferença. *Pensata*, 9(1), 1-16. <https://doi.org/10.34024/pensata.2020.v9.10484>
- Sampaio, F. S. (2015). O terceiro banheiro: fuga da “pedagogia do insulto” e/ou reforço da heteronormatividade? *Periódicus*, 3(1), 131-151. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i3.14259>
- Santos, J. G., Perianhes, L., Domingues, M. C., Machado, M. E., Vercesi, R. B., & Rodrigues, T. O. (2024). Género e Sexualidade: História, Discurso e Discussões. *In Revista*, 16(1), 57-84. <https://revistas.unaerp.br/inrevista/article/view/3262/2456>
- Santos, J. C., & Oliveira, A. L. (2020). Género, Sexualidade e Ensino de Biologia: o que pode um corpo estranho nos currículos de Biologia? *Revista Educação e Linguagens*, 9(17), 180-200. <https://doi.org/10.33871/22386084.2020.9.17.180-200>
- Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating., J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190.

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4703>

Tibiriçá, V. A., Faria, V. G., Silva, A. L., & Almeida, C. S. (2023). Sexualidade e gênero: o que pensam os adolescentes? O papel da escola e sociedade na visão de adolescentes sobre a temática. *Saúde em Redes*, 9(2), 1-17. <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2023v9n2.3955>

União Europeia (2016). *Regulamento (UE) 2016/679 relativo à proteção de pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação destes dados*. Parlamento Europeu.

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32016R0679>

Van.Dijk, T. (2017). *Discurso, notícia e ideologia. Estudos na análise crítica do discurso*. Edições Humus.

**Marcus Pereira Junior**

Universidade de Aveiro, Departamento de Educação e Psicologia,  
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de  
Formadores

Email: [m.junior@ua.pt](mailto:m.junior@ua.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1049-7228>

**Filomena Teixeira**

Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação de  
Coimbra & Universidade de Aveiro, Centro de Investigação em  
Didática e Tecnologia na Formação de Formadores

Email: [filomena@esec.pt](mailto:filomena@esec.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7374-3671>

**Ana V. Rodrigues**

Universidade de Aveiro, Departamento de Educação e Psicologia,  
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de  
Formadores

Email: [a.rodrigues@ua.pt](mailto:a.rodrigues@ua.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1736-1817>

Data de submissão: Dezembro, 2025

Data de avaliação: Janeiro-Março, 2026

Data de publicação: Maio, 2026